



Existe uma História intuitiva, e há uma Geografia da consciência planetária. A corrente multilinear de causas e efeitos da vida do nosso globo parece ganhar uma força fora do comum em alguns lugares especiais. Uma inspiração superior se irradia deles em ritmos e ciclos que também são determinados de acordo com a Lei da ação e da reação.

Stonehenge é bem conhecido na Europa. Machu Picchu, na cordilheira andina, na América do Sul, é um destes lugares-chave. A sua influência é silenciosamente inspiradora, assim como a energia de muitos outros locais nos Andes. Cada país tem pontos magnéticos em seu território. Nos círculos esotéricos, não é preciso citar os Himalaias.

O carma ou experiência acumulada da civilização atual está significativamente magnetizado por Jerusalém, a cidade considerada sagrada pelas três formas mais conhecidas de monoteísmo. O judaísmo é a mais antiga destas religiões; ele tem dimensões panteísticas, como na Cabala, e possui a tradição Ética mais forte.

Usando palavras simples, uma definição Oriental de Ética diria que ela é a arte de plantar bom carma, ou de gerar justiça e equilíbrio. No Pirkê Avót, mais precisamente no Perek (Capítulo) V, Mishná 26, podemos ler: “Conforme o esforço (aplicado) será a recompensa”. [1]

Na cidade de Jerusalém temos o monte Moriá ou Monte do Templo. É o local mais sagrado do planeta, para os judeus. Ao longo dos séculos, ao redor do mundo, ele tem sido um ímã para sentimentos nobres. Ele tem inspirado a busca de uma visão divina do universo e um sentimento de respeito pela vida. Também tem sido causa de guerra, ódio, fanatismo e atos terroristas.

Poucos líderes muçulmanos estão dispostos a reconhecer a contribuição central do judaísmo e da nação judaica à experiência humana dos últimos milênios, ou a denunciar ativamente o antissemitismo e cooperar com Israel. E estes são pioneiros do futuro. Os setores dominantes do cristianismo também sofrem da doença do fanatismo. Nem tudo é fácil no progresso humano, e alguns obstáculos respeitáveis devem ser removidos antes que a luz branca do futuro possa surgir.

A vontade de parecer politicamente correto aos olhos dos outros não deve impedir-nos de reconhecer os fatos. Todos podemos investigar, com o devido respeito, e vivenciar na prática o mistério do Monte do Templo. O monte Moriá não é importante apenas em relação ao passado. Ele constitui uma chave para o futuro. Cabe aceitar um fato básico: todo esforço lúcido pela paz mundial precisa levar em conta o papel decisivo, embora com frequência invisível, cumprido pelo Monte do Templo na História.

Desde a antiguidade tem sido inegável a sua centralidade cultural e magnética na evolução humana. Desde o ponto de vista objetivo, uma coisa chama atenção: é o *direito natural* dos judeus a orar e contemplar em segurança no Monte do Templo.

Este é também um direito dos muçulmanos, dos cristãos e de homens e mulheres de todas as crenças e filosofias. No entanto, a verdadeira devoção não inclui ódio. O monte Moriá deve ser dedicado à sabedoria inter-religiosa e à prática intercultural da paz interior. O lugar precisa ser respeitado. Não pode ser usado para justificar intolerância ou antissemitismo. Quem não estiver disposto a viver em harmonia com religiões diferentes da sua perde o seu direito moral a qualquer coisa que pertença à humanidade em seu conjunto. Um tal indivíduo é incapaz de aceitar algo verdadeiramente *universal* ou um conhecimento *interdisciplinar*. O Monte do

Templo tem precisamente este tipo de universalidade: ele deve ser aceito como um lugar multicultural, para que deixe de funcionar como fonte de conflito e comece a viver como um centro universal de harmonia entre as nações.

A justiça constitui o alicerce inevitável da harmonia. Portanto, considerar legítimos o fanatismo e a adoração da letra morta, seja em círculos judaicos, islâmicos ou cristãos, não poderá abrir caminho para a paz.

Proteger o fanatismo estimula a estreiteza mental. O caráter naturalmente universal do judaísmo é uma lição que Israel tem ensinado a todos os povos desde 1948. Esta sabedoria intrínseca vem sendo transmitida a muitos pelo exemplo e não pela pregação. É verdade que há estreiteza mental em alguns setores do judaísmo, e ela está condenada a desaparecer, assim como a estreiteza mental em outras religiões.

Pouco a pouco, o Monte do Templo passa a ser mais amplamente reconhecido como um dos principais lugares-símbolos da evolução espiritual da humanidade. A pesquisa e a bibliografia se expandem e dois Guias do Templo, cuidadosamente preparados, nos permitem compreender melhor o tema.

Um deles é “*Jerusalem: The Temple Mount*”, de Leen & Kathleen Ritmeyer. [2] O outro, igualmente bem escrito, é “*Arise and Ascend: A Guide to the Temple Mount*”. [3] Os dois volumes são bem ilustrados e têm atitude respeitosa diante das complexidades inter-religiosas do tema.

Um terceiro livro, mais amplo, não é um Guia. “*Jerusalem, an Archaeological Biography*”, de Hershel Shanks, constitui um estudo amplo e revela alguns dos pontos em comum entre o judaísmo e a religião egípcia antiga. Um exemplo disso é a forma egípcia que possui o Querubim Judaico no Templo de Salomão. [4] E não é um caso isolado. É fácil ver que Moisés aprendeu mais de um ponto da sua sabedoria secreta enquanto vivia no Egito; e Helena Blavatsky escreveu a respeito. [5] De acordo com a Filosofia esotérica, Moisés era um iniciado na sabedoria de Hermes, isto é, na sabedoria hermética. [6] H. P. Blavatsky escreve sobre os hebreus, “cujo profeta Moisés era tão conhecedor da Sabedoria esotérica do Egito, e que criaram o seu sistema numérico a partir do sistema dos Fenícios ...”. [7]

Nenhuma religião ou filosofia é isoladamente a “proprietária única” da verdade. O conhecimento divino não tem donos. Os mais sábios entre os seres humanos são humildes buscadores da verdade, e as várias religiões nada têm a perder - exceto a sua ingenuidade - por aceitarem um franco diálogo intercultural. Elas irão ampliar radicalmente a sua sabedoria e os seus horizontes, ao conversarem honestamente entre si.

(Carlos Cardoso Aveline)

## NOTAS:

[1] “A Ética do Sinai”, de Irving M. Bunim, Editora e Livraria Sêfer, tradução de Dagoberto Mensch, 1998, segunda edição, 2001, 525 pp., ver p. 424.

[2] Publicado por *Carta Jerusalem*, Israel, 2015, 160 pp.

[3] Publicado em Jerusalém em 2015 por *The Meeting Place Association* e *Temple Mount Heritage Foundation*, e com 76 páginas.

[4] “Jerusalem, an Archaeological Biography”, de Hershel Shanks, Random House, New York, copyright 1955 e 1983, edição de 1995, 256 pp. Os elementos egípcios do Querubim Judaico estão mencionados nas pp. 56 e 57. Veja também “Jerusalem’s Temple Mount”, de Hershel Shanks, Continuum, New York - London, copyright 2007, 206 páginas.

[5] “[Isis Unveiled, Volume I](#)”, de Helena P. Blavatsky, p. 228, e p. 415, entre outras. Veja “Moses” no Index da obra, na p. 671 do [volume II](#).

[6] “[The Secret Doctrine, Volume I](#)”, Helena P. Blavatsky, p. 73, metade inferior.

[7] “[The Secret Doctrine, Volume II](#)”, H. P. Blavatsky, p. 560, último parágrafo.

000

O texto “A Universalidade do Monte do Templo” é uma tradução de “[The Universality of Temple Mount](#)”. O artigo está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas e no blogue teosófico em “[The Times of Israel](#)”. A tradução ao português foi feita pelo autor.

000

### Texto Ampliado em Março de 2024:

## **A Autocrítica de Helena Blavatsky** **Ou Como Confúcio, Cícero e Outros Autores** **Clássicos Podem Ajudar o Movimento Teosófico**

Ler Confúcio e outros autores clássicos pode ser útil para os estudantes de filosofia esotérica.

A razão disso está ligada ao fato de que H. P. Blavatsky fez uma severa autocrítica pouco antes de morrer em 1891. O fato está bem documentado em língua inglesa, embora não seja fácil para o público geral ter acesso aos detalhes do episódio.

Escrevendo a seus alunos de estudos esotéricos em 1889-1890, HPB disse que havia subestimado a fraqueza humana em matéria de Ética e autodisciplina. Ela tinha ensinado demasiado “Ocultismo” e compartilhado informação sensível sobre o Caminho em uma civilização cujos alicerces éticos eram mais frágeis do que pudera prever. Seu Mestre abriu seus olhos para o erro com mais de uma advertência, e a visão da falha por excesso de otimismo era dolorosa para HPB. Já na fase final da sua vida, ela tentou então alterar a prioridade dos seus ensinamentos. Não houve muito tempo para isso, e a maior parte da tarefa ficou pendente.

[Clique para ler o texto completo](#)

[A Autocrítica de Helena Blavatsky](#)

000

# O Ideal e a Prática

## A Autonomia no Aprendizado Traz um Sentido de Dever e de Responsabilidade

Joana Maria Ferreira de Pinho



O ideal está no centro da vida de todo teosofista e aspirante sincero ao discipulado. O ideal abre e ilumina caminhos, fortalece a vontade, e alimenta o melhor da natureza humana. Assim como o nascer do Sol desperta a natureza para o canto da vida, o ideal vai moldando silenciosamente pensamentos, emoções e ações em nós e ao nosso redor.

Adotar um ideal nobre e elevado traz para nossas vidas uma força orientadora e inspiradora. O ideal é bússola e é também chama que queima e ilumina.

A aproximação ao ideal pode ser mais lenta ou mais rápida, mediante as condições cármicas e os esforços aplicados durante a caminhada.

As escolhas feitas, as experiências presentes e passadas, o empenho consciente, o grau de compromisso e de devoção, são fatores que determinam a distância entre o ideal e a prática e o tipo de passos - curtos ou largos, serenos ou acidentados - dados pelo peregrino. Além disso, esses são os instrumentos usados por nós para dar forma ao caminho, colocando nele declives, planícies, pedras, trilhos e horizontes.

Não somos meros caminhantes que tentam alcançar um lugar sagrado no cume da montanha, somos também fazedores de caminhos.

Para que possamos nos aproximar do ideal e realizá-lo - em menor ou maior grau - necessitamos de uma prática. É nesta conjugação que estão os maiores desafios.

Há pessoas capazes de passar a vida inteira contemplando o ideal sem sair do mesmo lugar. E há outras que tentam a cada dia avançar um pouco mais na construção de si mesmas. A bússola indica o Norte, mas cabe a nós avançar na sua direção.

Ivan Gontcharov, escritor russo do século 19, escreveu “Oblomov” [1], um livro que retrata a vida de um idealista, de um indivíduo cheio de boas intenções, puro, honesto e sensível, mas que não consegue realizar nenhum dos seus projetos e das suas ideias.

Membro da velha aristocracia latifundiária, Oblomov é descrito como sendo incapaz de fazer o que quer que seja com autonomia, um grande preguiçoso que sempre teve criados para obedecer às suas ordens e atender às suas necessidades básicas, como vestir-se e calçar as botas. A procrastinação é uma constante no seu dia-a-dia.

Protegido desde tenra idade, Oblomov não tem qualquer preparação emocional ou psicológica para enfrentar desafios. Vivendo uma vida bastante isolada, evitando interações sociais significativas e permanecendo dentro de sua própria esfera de pensamento, ele parece alheio às mudanças ao seu redor e ao mundo em transformação. À mínima dificuldade Oblomov encolhe-se debaixo dos lençóis.

Apesar de ter boas intenções e ideais nobres, Oblomov é notavelmente incapaz de traduzir seus pensamentos em ações concretas. A indecisão e falta de motivação para enfrentar desafios ou realizar projetos fazem dele uma folha arrastada pela ventania. O autor define esse tipo de vivência com a palavra “Oblomovismo”.

Gontcharov coloca no enredo um personagem a contrastar com Oblomov: Stoltz, amigo e colega de faculdade de Oblomov. Preparado para as dificuldades da vida através de uma educação rigorosa, na qual lhe davam espaço para fazer escolhas e lidar com as consequências, ele sempre busca realizar seus sonhos e ideais.

Stoltz é retratado como um personagem energético, prático e orientado para a ação, enquanto Oblomov tem uma natureza preguiçosa e mais sonhadora.

Ao longo do romance, Stoltz desempenha um papel importante na vida de Oblomov. Ele tenta influenciar seu amigo a adotar uma abordagem mais ativa e responsável. A relação entre os dois amigos é fundamental para o enredo e destaca os contrastes entre suas personalidades e estilos de vida. Stoltz representa a mudança, a ação, a coragem. Oblomov simboliza a inércia, o sonho e o conforto.

Enquanto lia o livro perguntei a mim mesma: não teremos todos um Oblomov e um Stoltz dentro de nós? Não representarão estes dois personagens dois pólos da natureza humana? Como evitar que sejamos atacados pelo oblomovismo, individual e coletivamente?

Aquele que tem um ideal elevado em sua vida sabe que há uma luta entre várias camadas da sua personalidade e entre diferentes facetas de sua estrutura psicológica. Manter a concentração, dirigir as energias para aquilo que realmente é decisivo, ser criativo, sonhar, realizar, querer, ousar e agir são desafios que cada um vive de acordo com sua realidade específica.

A autonomia no aprendizado traz um sentido de dever e de responsabilidade. Oblomov viu suas asas cortadas pela proteção excessiva durante a infância. Nunca necessitou fazer um esforço para garantir o mais básico na sua existência, não lhe deram margem para encarar o perigo e para errar, e evitando o erro foi-lhe negado o acerto.

A teosofia propõe a autonomia do aprendiz. “Todo progresso real é feito com autonomia”, escreve Carlos no texto “Diálogo Sobre o Caminho Filosófico” [2].

A alma de cada um sabe melhor do que ninguém como e o que necessita aprender. Além disso, sendo autônomo, o teosofista cria ferramentas para enfrentar obstáculos e ultrapassá-los com dignidade.

Os bons educadores não são aqueles que afastam todas as dificuldades do aprendiz, mas aqueles que ajudam o educando a criar ferramentas para que ele as consiga vencer sozinho. Nos grupos teosóficos somos alunos e professores uns dos outros. A solidariedade é fundamental, mas a aprendizagem necessita também da independência e da autonomia.

Os bons exemplos são sempre uma das melhores formas de educar e transmitir uma mensagem. Oblomov tinha um criado indolente, chamado Zakhar, e não por acaso, porque, afinal, era esse o exemplo que seu amo lhe dava. Também nós temos de levar em conta o exemplo que damos ao “Zakhar” que há em nossa natureza interna. Um dos nossos “Zakhars” interiores é o subconsciente.

Carlos coloca no texto “Autodomínio Pelo Controle do Pensamento”:

“Nosso ‘eu’ racional deve ser capaz de manter um pleno contato com o mundo subconsciente e com o mundo supraconsciente. E deve poder alimentar com ideias e emoções positivas o nível subconsciente do mundo psicológico. Deste modo evitará cair em armadilhas.”

E ainda:

“Qualquer imagem, pensamento, ideia ou padrão vibratório introduzido ‘automaticamente’ no subconsciente é uma sugestão. Mas também uma ação concreta e definida tem poder sugestivo. Cada vez que cumpro o meu dever, fica registrado no meu subconsciente o fato de que sou vitorioso em relação às tarefas que assumo como minhas. Porque as ideias não surgem apenas de outras ideias. Surgem também de ações.” [3]

Para nós é familiar a ideia de “presença divina”, uma presença que testemunha tudo o que fazemos, mas também tudo o que pensamos e sentimos. Se a presença divina é uma testemunha, o subconsciente é um servente que registra e reproduz.

Em um grupo de estudo e de trabalho teosóficos é gerada uma consciência coletiva, e também ela tem um “eu” racional, um supraconsciente e um subconsciente.

Devemos ter consciência de que cada ato nosso, cada pensamento, hábito e emoção alcança o subconsciente de todos os outros. É recomendável plantar no subconsciente de todos tudo o que é moralmente positivo.

A concentração permite reunir a energia e o magnetismo necessários para a aproximação da meta. Não é fácil renunciar às distrações, até porque muitas vezes as distrações disfarçam-se com as vestimentas daquilo que tem extrema importância.

A calma e a serenidade interiores são valiosas em qualquer etapa da jornada. A mente serena permite-nos analisar os acontecimentos com um maior realismo.

O aceleração tira a lucidez e a capacidade de raciocínio. A pressa é inimiga das escolhas acertadas. Avaliar o peso das prioridades, discernir o que é essencial do que é secundário, exige tranquilidade. As interrupções são inúmeras, e em várias dimensões da vida moderna. A crescente perda de lucidez no Ocidente anda junto com o ritmo de vida frenético de grande parte de sua população. Sabemos que isso não é uma coincidência.

Cabe a cada um de nós assumir o controle de sua mente e ter respeito pelas mentes dos outros, evitando interrompê-los desnecessariamente e dando espaço e tempo para que cada um elabore os seus pensamentos, a sua fala e os seus atos.

Como diz um texto publicado em 2016:

“Para que o cidadão seja dono da sua vida, cabe interromper a cultura da interrupção constante. Ele é convidado a comandar o seu ritmo de vida, de modo que ouça a si mesmo e dialogue com sua alma imortal. Ele tem o direito de formar os seus próprios pensamentos e escutar os seus sentimentos. É seu dever avaliar com calma suas ações. É correto tirar lições práticas de tudo o que vê.” [4]

Quando paramos uns segundos antes de seguir em determinada direção que parece urgente ou relevante para a caminhada, reparamos que em muitos casos as urgências são meras armadilhas que nos desviam do Norte. Podemos não controlar o que se passa ao redor, mas sempre é possível ter controle sobre as nossas ações, os nossos pensamentos e as nossas escolhas.

Muito pode ser dito sobre aquilo que nos aproxima do Ideal.

Cada aspecto da nossa vida tem o potencial de encurtar a distância entre Ideal e prática, quando colocamos as coisas nos devidos contextos. Uma coisa certamente ocorrerá com todos, é tentando que construamos acertos, e é agindo de forma crescentemente acertada que damos novos passos até o Ideal.

Concluo com Wen-tzu:

“Não deixe que os olhos olhem ao azar, não deixe que os ouvidos escutem ao azar. Concentre a vitalidade da mente de modo que ela cresça e que a atenção interna seja completamente consolidada. Uma vez que você tenha obtido isso, você deve estabilizar e preservar o que foi obtido, e expandi-lo e perpetuá-lo.” [5]

## NOTAS:

[1] “Oblomov”, de Ivan Gontcharov, Edições Tinta-da-China, Lisboa, Portugal, 2ª edição, 2019, 647 pp.



[2] “[Diálogo Sobre o Caminho Filosófico](#)”, texto de Carlos.

[3] Do texto “[Autodomínio Pelo Controle do Pensamento](#)”, de Carlos.

[4] “O Lado Secreto da Vida Diária, Interrompendo a Cultura da Fragmentação”, pp. 8-9 da edição de agosto de 2016 de “[O Teosofista](#)”.

[5] “Wen-tzu, a Compreensão dos Mistérios”, Ensinamentos de Lao-tzu. Tradução do chinês, Thomas Cleary. Tradução do inglês, CCA. Brasília, Editora Teosófica, 2002, 198 pp., p. 81.

000

Uma versão inicial do artigo “**O Ideal e a Prática**” foi tema de estudo dos associados da **Loja Independente de Teosofistas** na primeira quinzena de fevereiro de 2024.

000

## **O Respeito Espiritual por Si Mesmo** **Examinando as Bases da** **Decadência Ética, e o Modo da sua Cura**

**Ivan A. Il'in**

Uma pessoa que não tem consciência do seu próprio valor espiritual, isto é, que não vivencia este valor, leva uma vida deformada, degradada, doentia; e as doenças desta vida são profundamente instrutivas; elas podem ser descritas como as doenças da autoafirmação espiritual.

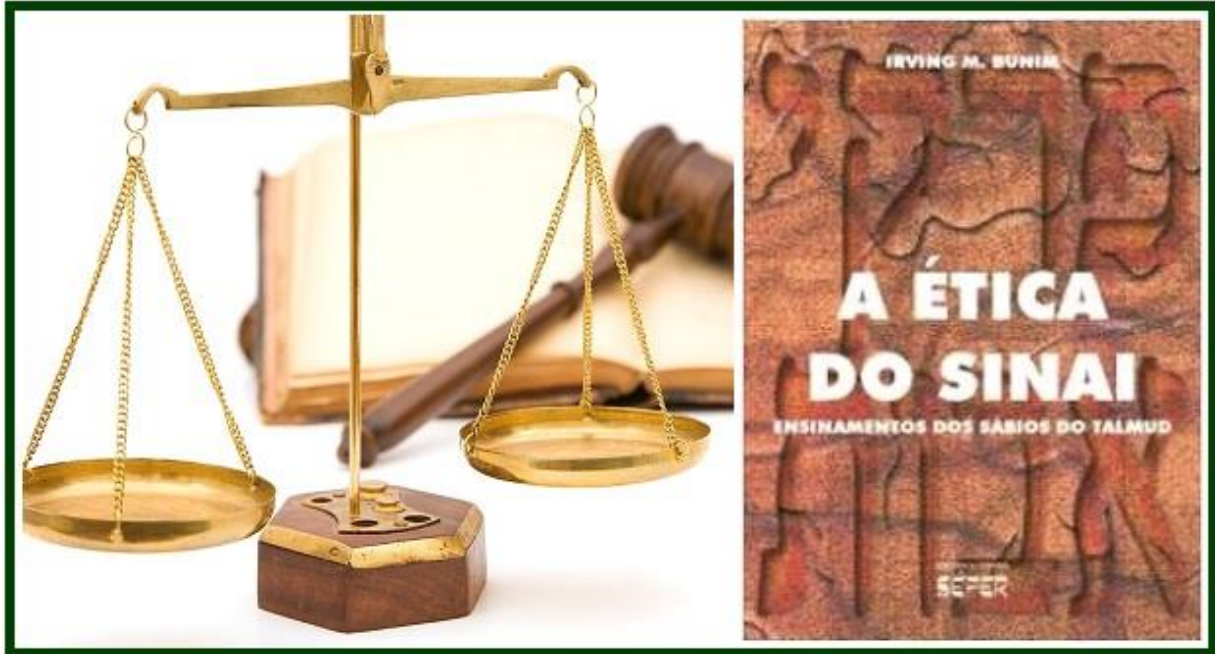
Na base do respeito espiritual por si mesmo deve haver uma *percepção verdadeira* de si mesmo, e não uma ilusão nem tampouco uma vaidade doentia; um autêntico *valor espiritual*, e não um sinal externo e gasto de privilégios obsoletos; um ato *pessoal* de autoafirmação, e não o pronunciamento talvez equivocado ou insincero de alguma outra pessoa. Perceber a si mesmo como uma força que está voltada para o bem não deve ser algo acidental ou efêmero, mas sim uma *percepção autêntica e objetiva*. Isso não pode e não deve ser substituído por nenhum tipo de sucedâneo: nem por uma imaginação sonhadora sobre as supostas virtudes do indivíduo e o seu “destino histórico”, e tampouco por um orgulho sem substância e um cultivo de “honra” formal, nem pelo veredito casual e mutável da “opinião social”, nem pelas “ondas” egoístas e caprichosas da “opinião pública”. A percepção do seu próprio valor espiritual tem na sua base uma experiência que é *independente, pessoal*, e ao mesmo tempo *objetivamente valiosa*. Um cidadão deve ser um processo vivo e autossuficiente de acumulação de valor espiritual; e qualquer falha nesta experiência vivencial - uma falha em *autossuficiência* ou em *objetividade* - torna a consciência legal pouco firme, vacilante, fraca em vitalidade, e instável.

**[Clique para ver o artigo inteiro](#)**

**[O Respeito Espiritual por Si Mesmo](#)**

000

## Pirkê Avót: **A Ética Judaica do Talmud**



No Monte Sinai, Moisés não recebeu apenas a Torá, que é a Lei escrita do judaísmo, o Pentateuco, depois adotado também pelos cristãos em sua Bíblia.

O sábio judeu recebeu igualmente uma Torá oral, *shebealpe*, a Mishná. Com o correr do tempo, a Mishná, o ensinamento oral, foi acrescida de histórias e comentários chamados de Guemará.

Mishná e Guemará, combinadas, formaram o Talmud, isto é, o conjunto da tradição oral judaica. A partir do século II da era cristã, o Talmud foi colocado em papel, para evitar que a sua riqueza se perdesse devido à diáspora, isto é, a dispersão forçada do povo judeu, sempre perseguido devido à doença coletiva do antissemitismo. Cabe lembrar que o antissemitismo era uma política oficial da igreja católica e de quase todos os governos.

Mas a verdade é que não há um Talmud apenas. Há o Talmud de Jerusalém, e existe também o Talmud da Babilônia, mais elaborado e que foi concluído alguns séculos depois.

O *Pirkê Avót* é a sabedoria da Ética, também conhecido como “A Ética dos Pais”. O que significa a Ética? Sua função é ligar a visão teórica da Torá a uma prática espiritual cotidiana, através de preceitos (mitsvót) claros e normas de vida definidas.

A palavra Mishná é usada, na prática, também para designar cada um dos seus trechos ou leis.

A seguir trago em negrito trechos selecionados de algumas das Mishnás do **Pirkê Avót**, com base na obra intitulada “**A Ética do Sinai**”, de Irving M. Bunim.[1]

Sem negrito, em itálico, acrescento comentários desde o ponto de vista teosófico. Ao final de cada citação, entre parênteses, coloco as referências e o número de página em que as palavras serão encontradas. O presente artigo visa funcionar como um convite para o estudo de “**A Ética do Sinai**”. Com seis capítulos, o livro é uma fonte legítima de orientação no caminho espiritual e amplia o horizonte ético do estudante de teosofia. (CCA)

## **A Base do Mundo**

**\* O mundo se mantém sobre três coisas: a Torá, o serviço Divino e a beneficência. (Cap. 1, Mishná 2, p. 21)**

*Uma civilização se mantém sobre três princípios. Primeiro, a Lei divina, o ensinamento espiritual. Segundo, a vida religiosa, o esforço por compreender o mundo divino. Terceiro, a ação altruísta, a boa vontade em ação. Em outras palavras, o mundo desmorona sem ética. A Mishná 18, por sua vez, afirma: “O mundo existe graças a três coisas: a verdade, a justiça e a paz; pois foi dito: ‘Que a verdade, a justiça e a paz reinem nas vossas portas’ [vossas casas]”. (Cap. 1, Mishná 18, p. 64)*

## **A Relação com os Outros**

**\* Afasta-te do mau vizinho, não te associes ao ímpio e não desacredites na retribuição de todas as ações. (Cap. 1, Mishná 7, p. 38)**

*Este afastamento é sobretudo psicológico. Significa que não se deve seguir o exemplo das pessoas que ignoram importância da ética. Elas têm o mundo psicológico delas, que é muito diferente do nosso, e podemos irradiar o nosso mundo, mas não devemos absorver em nossa vida o que não vale a pena. “Retribuição” é a colheita cármica. Todas nossas ações terão consequências para nós, conforme a natureza delas.*

**\* ... Ama a paz e busca a paz, ama as criaturas e aproxima-as da Torá. (Cap. 1, Mishná 12, p. 48)**

**\* Quem apregoa o seu [próprio] nome, perde o nome; quem não aumenta seus conhecimentos, diminui; quem não se instrui, não é digno de viver (...). (Cap. 1, Mishná 13, p. 51)**

*Irving M. Bunim traz na mesma página outra citação do Talmud: “Se você abandonar a Torá por um dia, ela o abandonará dois.” Se não reforçamos continuamente o nosso conhecimento, forças negativas atuarão sobre nós e abrirão as portas do esquecimento.*

## **Agir Por Si Mesmo, Agora**

**\* Ele (Hillel) dizia: Se eu não for por mim, quem será por mim? Mas se eu for só por mim, o que sou eu? E se não agora, quando? (Cap. 1, Mishná 14, p. 54)**

*O relâmpago do desafio: viver com responsabilidade, aqui, neste momento.*

**\* Fui criado entre os sábios e não encontrei nada melhor para o homem que o silêncio; não é a teoria o principal mas a prática; e quem fala demais, traz o pecado. (Cap. 1, Mishná 17, p. 62)**

*A fala deve ser limitada, e quando ocorre deve acontecer como parte da prática diária da busca da verdade e da busca do supremo. A fala que não surge desde o ponto de vista da alma deve ser gradualmente eliminada, a partir do momento em que vemos a sua futilidade incurável. A teoria desligada das ações é uma forma de delírio intelectualoide a ser naturalmente evitada pelas pessoas sensatas.*

## **Definir o Rumo em que Avançamos**

**\* Que rumo deve o homem escolher para si? O que honra a quem o adota e o faz ser respeitado por todos. Sê tão cuidadoso com um preceito que pareça menor, quanto com um mais grave, pois ignoras suas recompensas; compara o prejuízo eventual de um preceito com o seu ganho, e o ganho eventual de uma transgressão com o seu prejuízo. Lembra três coisas e não pecarás: lembra que acima de ti há um olho que vê, um ouvido que escuta, e que todas as tuas ações são inscritas num livro. (Cap. 2, Mishná 1, p. 68)**

*A Lei do Carma registra todas as ações, e reações, para débito e crédito de cada um.*

**\* ... Se todos os sábios de Israel estivessem num dos pratos duma balança e Eliezer ben Horkenos no outro, este pesaria mais do que todos. (Cap. 2, Mishná 12, p. 102)**

*A verdade não é construída pela opinião da maioria, mas pela cuidadosa constatação dos fatos.*

**\* Que a honra do teu próximo seja para ti tão cara quanto a tua própria; não te encolerizes facilmente; arrepende-te um dia antes da tua morte. Aquece-te ao calor dos sábios, mas toma cuidado com as suas brasas para não te queimares; a mordida deles é a mordida da raposa; a picada deles é a picada do escorpião; o sibilar deles é o sibilar da serpente, e todas as palavras deles são como brasas incandescentes. (Cap. 2, Mishná 15, p. 108)**

*A verdade queima. É uma forma de cauterização, frequentemente feita sem anestesia.*

**\* ... Considera perante quem te esforças e quem é o senhor que irá retribuir com o pagamento por teu trabalho. (Cap. 2, Mishná 19, p.121)**

*A Lei te recompensará. E lembra sempre de que estás na presença divina. No mínimo, estás na presença divina da tua alma imortal. E tua alma espiritual não é exatamente tua. És tu que pertences a ela. Ela deu origem à tua encarnação atual, e ela é a herdeira universal de cada uma das tuas existências cíclicas, inclusive da tua vida presente.*

**\* ... Lembra-te de onde vieste, para onde vais e ante quem haverás de prestar contas. De onde vieste? De uma gota fétida. Para onde vais? A um lugar de pó, de vermes e de teredos. Ante quem irás prestar contas? Perante o Rei dos reis, o Santíssimo (...). (Cap. 3, Mishná 1, p.128)**

*Sobre o fato de que somos pó, ver Gênesis, 2:7, Jó 10:9 e Jó 20:11 - além do Novo Testamento. Naturalmente, esta advertência se refere exclusivamente ao nosso eu inferior. Nós mesmos somos uma alma, e tal como um pássaro voaremos livres um dia. Mas também prestaremos contas sempre ao nosso Eu superior.*

## A Arte de Fazer uma Refeição

\* .... Se três homens comeram à mesa e falaram da Torá, é como se tivessem comido à mesa do Onipresente, pois foi dito (Ezequiel, 41:22): (...) ‘Esta é a mesa que está perante o Eterno’. (Cap. 3, Mishná 04, p.139)

*Eleve os seus pensamentos durante as refeições, e haverá um alimento espiritual, além do alimento físico.*

\* ... Quem se coloca sob o jugo da Torá, alivia-se do jugo das autoridades terrenas e das questões materiais, mas quem repele o jugo da Torá, terá imposto sobre si o jugo das autoridades terrenas e das questões materiais. (Cap. 3, Mishná 06, p.144)

*A palavra “Jugo” é um dos sinônimos de “Ioga”. Cabe colocar-se sob o jugo da Torá, isto é, sob a ioga e a disciplina do ensinamento ético clássico.*

*É bom perguntar-se: em que níveis da realidade estou criando carma, ou seja, alimentando cadeias de causas e efeitos? E qual é o bom carma que estou plantando agora mesmo?*

## A Arte de Aprender

\* Rabi Chalafta ben Dossa, de Kfar Chananiá, diz: Quando dez pessoas se reúnem e se dedicam ao estudo da Torá, a presença divina está entre eles, pois foi dito: ‘Deus está presente na congregação dos que n’Ele creem’ [Salmo 82:1]. De onde aprendemos que isso se aplica mesmo que sejam apenas cinco pessoas? Do versículo: ‘E estabeleceu o seu ajuntamento na terra’. E de onde aprendemos que o mesmo se aplica se forem apenas três? Do versículo: ‘No meio de juízes, Ele (Deus) julga’ (Salmo 82:1). E como percebemos que o mesmo se aplica para apenas duas pessoas? Do versículo ‘Então os que temem ao Eterno falavam uns aos outros, e o Eterno prestava atenção e ouvia’ (Malaquias, 3:16). E como aprendemos que até para uma só pessoa isso se aplica? Do versículo ‘Em todo lugar onde eu fizer invocar o Meu Nome, virei a ti e te abençoarei’ (Êxodo 20:21). (Cap. 3, Mishná 07, p.146)

*O tema merece contemplação. Quando quiser refletir mais a respeito, leia os artigos “[A Prática da Presença Divina](#)” e “[A Presença Sagrada Junto a Nós](#)”.*

\* ... Em todo aquele cujas boas obras excedem sua sabedoria, a sabedoria subsiste; mas em todo aquele cuja sabedoria excede suas boas obras, a sabedoria não subsiste. (Cap. 3, Mishná 12, p.161)

*A tarefa diante de nós é ligar céu e terra em nossas vidas. O conhecimento espiritual que não é colocado em prática não é verdadeiro conhecimento, e tampouco é verdadeiramente espiritual. Por esses dois motivos, ele sofre rápida erosão e dá lugar à derrota, que será uma lição.*

\* ... Tudo é dado sob penhor e uma rede é estendida para todo ser vivente. A loja está aberta e o lojista concede crédito; a caderneta está aberta e a mão escreve nela. Quem quiser empréstimos, pode vir e recebê-los; mas os cobradores cumprem diariamente sua tarefa e cobram o débito de cada ser humano, ainda que este não se aperceba disto; eles

**têm para isto pleno fundamento e seu julgamento é verdadeiro; e tudo está preparado para o banquete. (Cap. 3, Mishná 20, p.188)**

*O ensinamento de que tudo o que fazemos é registrado no Livro da Vida, para nosso débito ou crédito, está presente também em mais de uma passagem das Cartas dos Mahatmas.*

**\* ... Apressa-te a cumprir tanto um preceito fácil como um difícil, e foge da transgressão, pois uma boa ação atrai outra boa ação e uma transgressão atrai outra transgressão; a recompensa de uma boa ação está na boa ação, e a consequência de uma transgressão é outra transgressão. (Cap. 4, Mishná 02, p.206)**

*Também este trecho é uma excelente exposição do funcionamento da lei do carma.*

**\* ... Dedicar-te menos aos negócios para te ocupares com a Torá; sê humilde de espírito perante todos. Se abandonares a Torá, muitas causas para abandoná-la apresentar-se-ão a ti; mas se te esforçares na Torá, haverá muita recompensa para ti. (Cap. 4, Mishná 12, p.237)**

*É preciso “desocupar-se para viver a sabedoria”, como propunha Lúcio Sêneca.*

**\* ... O arrependimento e as boas ações são como um escudo contra a punição. (Cap. 4, Mishná 13, p.240)**

*Identificar nossos erros nos permite não repeti-los; mas o orgulho, ou a cegueira, nos faz, às vezes, andar em círculos. Por outro lado, as boas ações nos protegem da negatividade.*

**\* Há quatro tipos de alunos. 1) Aquele que entende rapidamente e esquece do mesmo modo - seu ganho é anulado por sua perda. 2) Aquele que tem dificuldade de aprender e dificuldade de esquecer - sua perda é anulada por seu ganho. 3) Aquele que compreende rapidamente mas dificilmente esquece - sua porção é boa. 4) Aquele que tem dificuldade de entender mas esquece facilmente - sua porção é má. (Cap. 5, Mishná 15, p.375)**

*Veja que tipo de aluno você é. Um autoexame regular é recomendável em teosofia. Mas o propósito de ver os pontos fracos é corrigir nossas falhas, e não provocar desânimo. A decisão de vencer deve ser reforçada a cada visão de um erro nosso.*

**\* Há quatro tipos entre aqueles que se sentam diante dos eruditos de Torá: esponja, funil, filtro e peneira. Esponja é aquele que absorve tudo; funil, o que recebe de um lado e deixa escapar do outro; filtro, o que deixa sair o vinho e retém a borra; peneira, o que deixa sair o farelo e retém a farinha. (Cap. 5, Mishná 18, p.388)**

*No caso do funil, o ensinamento entra por um ouvido e sai pelo outro. Mas é sempre possível melhorar nosso desempenho, avançando na direção de ser uma peneira.*

*Estas quatro componentes estão ativas em todos, variando conforme as áreas e aspectos do esforço do aprendiz.*

**\* Todo amor dependente de um interesse (específico), quando deixa de existir o interesse, morre o amor; mas o amor que não depende de qualquer interesse específico, este não acaba jamais. (Cap. 5, Mishná 19, p.390)**

*Essa simples frase demarca a linha divisória entre a boa vontade condicional e a boa vontade incondicional.*

## **Em Direção à Plenitude: as Etapas de uma Viagem**

**\* Jehudá benb Tema costumava dizer: Aos cinco anos de idade é tempo de estudar a Escritura; aos dez anos, é a idade para o estudo da Mishná [o ensinamento oral]; aos treze anos, para a obrigação das mitsvót [preceitos morais práticos]; aos quinze para o estudo do Talmud; aos dezoito é tempo de casar; aos vinte é tempo de buscar uma profissão; aos trinta, atingir a plenitude da força física; aos quarenta, do entendimento; aos cinquenta, do conselho; aos sessenta, começa a velhice; aos setenta, a idade venerável; aos oitenta, se dão mostras de vigor; aos noventa, ele se encurva; aos cem, é como se estivesse morto e já desaparecido do mundo. (Cap. 5, Mishná 24, p.412)**

*Veja o artigo "[Todas as Idades da Vida](#)".*

## **O Estudo da Lei Que Nos Governa**

**\* ... Aquele que se dedica ao estudo da Torá (simplesmente) porque a ama, merece grandes recompensas. Além disso, a criação do mundo inteiro é válida (mesmo que seja) só por sua causa. Ele é chamado de amigo e amado. Ama ao Criador e Suas criaturas. (Cap. 6, Mishná 01, p.430)**

*Etimologicamente, a palavra "filosofia" significa "amor à sabedoria". Aqui se unem o sentimento e a razão, e a união dos dois atrai a presença divina.*

**\* Esta é a forma de estudar a Torá: come um pedaço de pão com sal, bebe pouca água, dorme sobre a terra, vive uma vida árdua, e esforça-te no estudo da Torá. Se assim fizeres, 'bem-aventurado serás e bem haverá para ti' (Salmo 128, 2). Bem-aventurado serás neste mundo, e bem haverá para ti no mundo vindouro. (Cap. 6, Mishná 04, p.454)**

**\* Não procures grandeza para ti próprio, e não anseies pela honra; que tua ação exceda teu estudo. Não cobices a mesa dos reis, pois a tua mesa é maior que a deles e a tua coroa é maior que a deles, e teu Senhor é confiável, pois pagará o salário por teu trabalho. (Cap. 6, Mishná 05, p.459)**

*O "Senhor", aqui, é a Lei Universal, a Lei do Carma.*

(Carlos Cardoso Aveline)

### **NOTA:**

[1] "A Ética do Sinai", de Irving M. Bunim, Editora e Livraria Sêfer, SP, segunda edição, 2001, 525 páginas.

# **Não ao Ódio, Sim à Amizade**

## **Sabedoria Exige Respeito Por Si Mesmo e Pelos Outros - e uma Educação da Vontade**



**“O caminho através da vida terrena conduz a muitos conflitos e testes, mas aquele que nada faz para vencê-los não pode esperar nenhum triunfo.”**

(Um Mestre de Sabedoria, em Cartas dos Mahatmas, Carta 43)

Aqueles que estão comprometidos com o caminho espiritual cedo reconhecem que a jornada da alma traz conflitos e desafios. Só os ingênuos podem pensar que a senda espiritual é como uma estrada larga, plana, florida, na qual os peregrinos avançam sem qualquer dificuldade. A realidade é outra: o caminho é íngreme e estreito e tal topografia apresenta diversas dificuldades que precisam ser vencidas pelo peregrino.

Lemos no texto **“Paz, Conflito e Fraternidade”**:

“Alguns membros sinceros do movimento teosófico, até hoje mal informados sobre o caminho espiritual, acreditam que a caminhada em busca da verdade pode ser trilhada sem conflito algum.”



“O movimento teosófico é um campo de testes, um campo probatório, e não existe provação nem progresso sem conflito entre verdade e ilusão. Anestesiando as pessoas, vender-lhes a ilusão de que ‘não há um caminho íngreme, estreito e difícil’, ou de que sofrimento e conflitos são alheios à proposta teosófica, é uma das marcas registradas do pseudoesoterismo moderno.”[1]

A alma expande-se um pouco mais cada vez que o aspirante à sabedoria ultrapassa os desafios que a vida lhe coloca. A busca pela verdade naturalmente gerará conflitos interiores e também exteriores. Os conflitos geram um tipo de atrito capaz de iluminar o caminho a seguir, bem como o fogo capaz de queimar a ignorância - individual e coletiva.

Os conflitos incomodam muita gente e alguns indivíduos fogem das dificuldades tentando evitar o confronto, sobretudo consigo próprios. Mas o aspirante à sabedoria precisa confrontar a sua própria ignorância, confrontar a mentira, defender a verdade, onde quer que ela esteja ameaçada, vivendo-a, declarando-a.

Manter um clima forçado de harmonia é algo artificial. Não faz com que os conflitos desapareçam. Coloca as discordâncias para debaixo do tapete, tornando velados os conflitos. Uma paz insincera abre espaço para que as ervas daninhas da raiva ganhem raízes no terreno da alma.

Carlos escreveu:

“Um conflito feito na fase inicial das discordâncias com frequência previne destruição em grande escala. A supressão artificial das diferenças costuma abrir a porta para altos níveis de hipocrisia, depois o ódio - e finalmente a guerra.” [2]

De pouco adianta fugir do conflito na tentativa de viver confortavelmente. Cabe lembrar que os conflitos úteis para o crescimento espiritual estão livres de ódio e rancor.

O ódio é contrário ao caminho espiritual. Ele tira a lucidez, e reduz a uma casca sem vida a boa vontade, que é indispensável para que as sociedades e os grupos funcionem. As contradições devem ser vividas sem rancor.

Um mestre fez o seguinte alerta:

“Olhe ao seu redor, meu amigo: veja os ‘três venenos’ devastando o coração dos homens - o ódio, a cobiça e a ilusão; e as cinco escuridões: a inveja, a paixão, a hesitação, a preguiça e a descrença, sempre impedindo-os de ver a verdade.” (Cartas dos Mahatmas, Ed. Teosófica, volume I, Carta 47)

Há uma passagem curiosa nas Cartas dos Mahatmas em que fica claro que o ódio e qualquer mau sentimento em relação a quem consideramos nosso “inimigo” quebra os laços magnéticos que o aspirante à sabedoria possa ter com os Mestres.

Na Carta 111 o Mestre escreve que “a posse de um cacho do cabelo de qualquer adepto é naturalmente uma clara vantagem, assim como uma espada com metal melhor temperado é uma vantagem para um soldado em uma batalha; mas a medida da sua ajuda real ao curador psíquico estará determinada pelo grau de força de vontade que ele mobilizar em si mesmo, e

pelo grau de pureza psíquica que ele tiver na sua motivação.” (Cartas dos Mahatmas, Ed. Teosófica, volume II)

Uma pessoa muito próxima de Sinnett tinha problemas de saúde e um Mahatma enviou uma mecha de seu cabelo para que a pessoa a usasse como amuleto. No bilhete que enviou com as instruções de uso do amuleto, o Mahatma coloca a seguinte observação:

“Não abrigue maus sentimentos contra um inimigo ou alguém que tenha prejudicado você, pois o ódio atua como um antídoto e pode prejudicar o efeito até *deste cabelo*.” (Cartas dos Mahatmas, volume I, Carta 51)

Conforme o texto “**Sobre Contatos com Mestres**” deixa claro, o movimento teosófico está numa fase na qual os contatos com Mestres não são externos. Não é possível recebermos cartas ou objetos físicos magnéticos dos Adeptos. Mas os laços de simpatia ocorrem no plano da consciência e da alma.[3] Raiva e má vontade duráveis destroem o antahkarana e qualquer possibilidade de sintonia com os ensinamentos dos Mahatmas.

Os conflitos positivos são construtivos e têm a boa vontade como alicerce. Esse tipo de dificuldade proporciona a partilha de percepções, a troca de experiências e ideias. Neste caso os indivíduos têm como meta aprender e para eles a discordância implica respeito.

O mesmo deve ocorrer com os conflitos internos, que o peregrino abriga em sua própria estrutura psicológica. Para que eles possam ser resolvidos, é necessário olhar as coisas com desapego e respeito. É respeitando que podemos vencer os aspectos da nossa natureza que são contrários à busca espiritual. Jamais dominaremos através de chicotadas aquelas camadas do eu inferior que boicotam a caminhada. Pois à primeira oportunidade, à mais pequena distração, esse cavalo galopará à deriva.

A sabedoria exige discernimento, respeito por si mesmo e pelos outros, autoconhecimento, educação da vontade e concentração na meta.

Quando vencidos, os obstáculos que dificultam o avançar no caminho são degraus que nos conduzem a patamares mais puros de vida.

As dificuldades têm o poder de arrastar o peregrino para trilhas perigosas quando ele vive ao sabor do vento. É de suma importância manter o desapego em relação às dificuldades, e não desviar a atenção do eu superior e de tudo aquilo que ele representa. Nós não somos a dificuldade, nós não somos as circunstâncias, a dor ou a alegria.

Os obstáculos podem hipnotizar, e como Carlos colocou no texto “**Ideias ao Longo do Caminho - 04**”:

“Quando parecem aumentar as dificuldades, não há necessidade de ficar hipnotizado por isso. As oportunidades positivas e as bênçãos aumentam na mesma medida que os obstáculos, e talvez um pouco mais, segundo podem observar aqueles que têm olhos para ver. Se os desafios parecem predominar no plano externo, as oportunidades positivas ganham força no plano interno e sutil.” [4]

As dificuldades têm diversas dimensões: quando as enfrentamos com dignidade, elas abençoam a nossa caminhada e abrem a porta para níveis profundos de aprendizado e

gratidão. Com as tentativas de ser maior do que os obstáculos que vão surgindo, a vontade fica fortalecida e nossa autoimagem passa a compreender uma esfera espiritualmente vitoriosa.

Não nos avaliemos conforme o que vemos nos outros, pois a vida está cheia de ilusão. O sucesso, a felicidade, a dor, são coisas que só se pode pesar com base na experiência própria. A nós cabe viver cada momento e cada dia com lucidez e boa vontade.

Nem tudo o que nos rodeia é real. E bem sabemos que é no invisível que decorre a verdadeira existência. A felicidade não se mede pela dimensão de um sorriso. A tristeza não pode ser calculada mediante as lágrimas que deslizam pelos rostos e nem o sucesso se traduz no volume de bens materiais ou status social.

Olhemos para os mestres espirituais da humanidade. Foram zés ninguéns no mundo dos homens, e reis no plano da alma; aparentemente sem poder aos olhos do materialismo, e triunfantes no altruísmo. Despojados de riqueza, ganância, ódio e esperteza, possuem o Amor-Sabedoria, o maior de todos os bens. Jorge Luís Borges escreveu:

“Não odeies teu inimigo,  
porque se o fazes, és de algum modo seu escravo.  
O teu ódio nunca será melhor que tua paz.” [5]

(JMFP)

## NOTAS:

[1] Do texto “[Paz, Conflito e Fraternidade](#)”, de Carlos.

[2] Do artigo “[Oito Provérbios da Rússia](#)”.

[3] Veja “[Sobre Contatos com Mestres](#)”, de Carlos.

[4] Do artigo “[Ideias ao Longo do Caminho - 04](#)”.

[5] Do texto, de Carlos, “[Borges, o Sábio Cego na Biblioteca](#)”.

000

Uma versão inicial do artigo “**Não ao Ódio, Sim à Amizade**” foi tema de um estudo dos associados da Loja Independente de Teosofistas, na primeira quinzena de janeiro de 2023.

000

[Conheça a Seção de Livros Online da Loja Independente de Teosofistas:](#)

## [Os Livros em Nossos Websites](#)

000

## Ligue a Luz da Atenção



Deixe de lado a atmosfera mesquinha fabricada por egoísmos infantis em luta. **Amplie** o seu horizonte para além das ações cegas.

Use a **teosofia clássica** como uma lâmpada, e olhe para sua vida diária à luz da alma imortal.

É possível construir lentamente uma Escada de Jacó, uma ponte viva entre o humano e o sagrado em sua existência diária.

Ingresse gratuitamente no grupo **SerAtento** em Google Groups:  
<https://groups.google.com/g/seratento>

Ingresse no grupo **SerAtento** e estude um pouco de teosofia todos os dias:

<https://groups.google.com/g/seratento>

# Ideias ao Longo do Caminho

## Jesus Cristo, o Antissemitismo, e a Força Necessária Para Seguir uma Disciplina



Helena Blavatsky, a Mulher Que Mudou o Mundo

\* É fascinante olhar para a história humana desde o ponto de vista da teosofia clássica, sem esquecer o primeiro objetivo dos teosofistas, ou seja, a construção de uma fraternidade universal. Qualquer um fica perplexo ao olhar, por exemplo, para o processo dinâmico do ódio supersticioso contra os judeus.

\* Todos sabem que Jesus Cristo era judeu. Sua mãe, Maria, era judia. O esposo de sua mãe, José, era judeu. Eram hebreus os seus discípulos todos. Jesus jamais se voltou contra o seu povo. Nunca atacou Israel. Seus seguidores não se opunham ao judaísmo nem rejeitaram as suas escrituras sagradas. Após a sua morte, os primeiros cristãos eram todos israelitas.

\* De acordo com a Bíblia cristã, os judeus são o povo escolhido de Deus. Este ponto é importante. A nação judaica merece o respeito dos cristãos inclusive porque é o povo escolhido pelo Senhor.

\* Por outro lado, a maior parte do cristianismo afirma que Jesus é Deus. Levando em conta o fato de que Jesus é judeu, devemos concluir então que para a maior parte dos cristãos, *Deus é judeu*. Mais um motivo para ter um sincero respeito pelo povo israelita.

\* Para o judaísmo e para a teosofia, no entanto, Jesus foi um sábio, e não foi uma divindade. A teosofia rejeita imagens personalizadas do Deus universal, porque as vê como ideias simbólicas e poéticas, usadas como meio de referir-se à Lei Cósmica Eterna e a inteligências divinas que estão além da precária expressão verbal dos humanos.

\* Qual é a importância do judaísmo para os cristãos?

\* Qualquer pessoa reconhece que a gratidão é uma virtude recomendada pelo cristianismo.

\* Ninguém pode negar o fato de que os cristãos em todo o mundo estudam as escrituras sagradas dos judeus, e fazem isso como se elas fossem suas. Ao invés de agradecer aos judeus, porém, a maior parte dos cristãos os odeiam e perseguem. Ao mesmo tempo, todos sabemos que odiar alguém contraria expressamente os principais ensinamentos de Jesus.

\* A partir do momento em que o cristianismo se tornou uma religião romana e imperial, as estruturas cristãs de poder começaram a perseguir os judeus. O ódio substituiu a gratidão e assim surgiu o antissemitismo.

\* Expulsos da sua terra, os judeus tiveram que espalhar-se pelo mundo, e foram humilhados, perseguidos e assassinados durante mais de 15 séculos, inclusive queimados em praça pública, na frente das mais altas autoridades, enquanto suas escrituras eram sistematicamente destruídas. A perseguição era feita sempre em nome de Jesus, o Mestre judeu da Compaixão.

\* Tal como no Novo Testamento, em que Jesus é crucificado primeiro moralmente, e depois fisicamente, assim também a comunidade hebraica, o povo escolhido, o povo de Jesus, tem sido crucificado moralmente, e em muitos casos fisicamente, em termos coletivos, desde os primeiros séculos da era chamada “cristã”. De certa maneira, pode-se dizer que o povo de Jesus é crucificado até hoje.

\* Durante a segunda guerra mundial, os nazistas alemães levaram ao ponto máximo o esforço sistemático por assassinar os judeus indefesos, todos, até o último. Seria a “solução final”. Mas a extinção do povo judaico não ocorreu. Ao contrário.

\* Os nazistas foram derrotados, no plano militar. O povo judeu reergueu-se. Em 1948, o estado moderno e soberano dos judeus, que é Israel, ressurgiu, tolerado pela ONU, aprovado pela Rússia e pelos Estados Unidos.

\* Desde então, o antissemitismo habilmente mudou de cara. “Já não se trata”, dizem os antissemitas, “de eliminar os judeus, mas apenas de eliminar Israel” - que é a terra dos judeus. E as guerras contra Israel são promovidas uma após a outra, a intervalos regulares de tempo. Os atacantes têm sido quase sempre derrotados, e assim o território de Israel vem crescendo. A lei do carma e da justiça não tira férias.

\* O movimento teosófico possui um compromisso com a verdade.

\* Os cidadãos dotados de bom senso não veem necessidade de fingir para si mesmos ou para os outros que não sabem de um fato básico: o fato de que *a superação do antissemitismo e a aceitação fraterna do povo de Israel será uma grande bênção para a humanidade.*

## **A Mulher Que Mudou o Mundo**

\* A cada Dia Internacional da Mulher, é obrigatório lembrar de H. P. Blavatsky, a mulher honesta, a pensadora russa que plantou as bases da futura civilização da Fraternidade.

\* Foi uma mulher e tanto: uma mulher como poucas.

\* Nascida sob o signo de Leão, Helena é um modelo de cidadã pioneira e franca, e abriu caminho para os cidadãos de tempos que ainda virão.

## **Os Três Macacos Sábios**



\* Os famosos três macacos sábios da tradição japonesa recomendam:

\* *“Não escute o mal, não veja o mal, e não fale o mal.”*

\* Uma leitura teosófica deste provérbio:

\* Tenha discernimento. Enxergue o certo e o errado, o verdadeiro e o ilusório, e opte pelo bem. Dê o seu testemunho. Ao mesmo tempo, corrija os seus próprios defeitos e deixe que os outros corrijam os deles. Não dê demasiada atenção aos erros alheios, ou correrá o risco de ser contagiado por eles. Ao melhorar a si mesmo, você faz a sua parte na reforma do mundo. Ajude as boas causas, seja solidário, desafie quando necessário a ignorância organizada, mas fique longe do hipnotismo dos sentimentos destrutivos. Acima de tudo, construa coisas valiosas e confie na lei da justiça e da bondade.

## **Disciplina Diária, o Remédio Amargo**

\* A autodisciplina cura a alma, mas ela parece amarga para o nível infantil e instintivo da consciência do peregrino. Todo ser humano tem uma criança em seu subconsciente, que está pronta para reclamar se algo realmente desagradável acontecer. A menos que você tenha energia para educar a si próprio.



\* Até as ações mais básicas de autodisciplina podem parecer desnecessárias e absurdas, se você olhar para elas desde o ponto de vista da preguiça. E o ponto de vista da preguiça sempre se apresenta como dono da razão e como se tivesse uma enorme sabedoria. Assim é o teatro da vida.

\* Se o seu objetivo for atingir os níveis de disciplina necessários, uma vez que tenha sido tomada uma decisão, é necessário um certo grau de “determinação cega” para colocar a decisão em prática de maneira eficiente.

\* Vale a pena dirigir estas palavras ao seu eu superior:

*\* “Atma, Pai Nosso, que estás nos céus, dá-nos hoje a força necessária para seguir a disciplina que nós mesmos escolhemos antes, e ajuda-nos a agir da maneira mais sábia possível.”*

(Carlos Cardoso Aveline)

000

## **A Volta Cíclica do Passado**

“Nem nos sentimos, de modo algum, preocupados com o ressurgimento de nossas antigas artes e elevada civilização, porque elas certamente ressurgirão no momento certo, e de forma ainda mais elevada, assim como os plesiossauros e megatérios em seu próprio tempo. Temos tendência a crer em ciclos que voltam sempre periodicamente e esperamos poder *acelerar* a ressurreição do que já passou e se foi.” (Um Mestre de Sabedoria, citado no artigo “A Batalha da Verdade”, ver [item 01.](#))

000



# Novos Itens nos Websites da LIT

Este é o informe mensal da Loja Independente de Teosofistas.[1]

Dia 15 de março havia 3317 itens em nosso [acervo](#), dos quais 36 estavam em [francês](#), 1469 em [português](#), 1454 em [inglês](#) e 331 em [espanhol](#). Havia 27 em [russo](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 16 de fevereiro e 15 de março de 2024:

(Títulos mais recentes acima)

1. **O Obstáculo é Necessário Para a Vontade** - Jean des Vignes Rouges
2. **La Universalidad del Monte del Templo** - Carlos Cardoso Aveline
3. **The Aquarian Theosophist, March 2024**
4. **João de Deus, Louco, Santo, e Sábio** - Carlos Cardoso Aveline
5. **El Teósofo Acuariano 028, Marzo de 2024**
6. **Obstacle, a Precondition of Willpower** - Jean des Vignes Rouges
7. **Como Educar a Vontade** - João Serras e Silva
8. **A Consciência de um Mahatma** - Um Mestre de Sabedoria
9. **Filosofia da Vontade** - Jean des Vignes Rouges
10. **Alexandre Dumas and Social Conflicts** - Carlos Cardoso Aveline
11. **H.P. Blavatsky's Signet Ring** - Radha Burnier
12. **Ideias ao Longo do Caminho - 55** - Carlos Cardoso Aveline
13. **Philosophie de la Volonté** - Jean des Vignes Rouges
14. **O TEOSOFISTA, Fevereiro de 2024**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com), [www.CarlosCardosoAveline.com](http://www.CarlosCardosoAveline.com), [www.HelenaBlavatsky.net](http://www.HelenaBlavatsky.net), [www.TheosophyOnline.com](http://www.TheosophyOnline.com), [www.HelenaBlavatsky.org](http://www.HelenaBlavatsky.org), [www.TheAquarianTheosophist.com](http://www.TheAquarianTheosophist.com) e [www.RussianTheosophist.com](http://www.RussianTheosophist.com). Visite nosso blog em "[The Times of Israel](#)".

000

## A Teosofia Direta no WhatsApp

**Veja** um dos grupos da Loja Independente de Teosofistas no **WhatsApp**: <https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk>

000

